



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP)**

LILIAN SANTOS DE JESUS

**EDUCAÇÃO E MIGRAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE AS
TEORIAS E AS MEMÓRIAS DE JOVENS CAMPONESES DA
COMUNIDADE DE BOM JESUS I/MUTUÍPE-BA**

**AMARGOSA/BA,
2024.**

LILIAN SANTOS DE JESUS

**EDUCAÇÃO E MIGRAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE AS
TEORIAS E AS MEMÓRIAS DE JOVENS CAMPONESES DA
COMUNIDADE DE BOM JESUS I/MUTUÍPE-BA**

Trabalho monográfico apresentado como pré-requisito para aprovação no curso de licenciatura em Pedagogia, ministrada pela Profa. Dra. Luana Patricia Costa Silva, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

**AMARGOSA/BA,
2024.**

LILIAN SANTOS DE JESUS

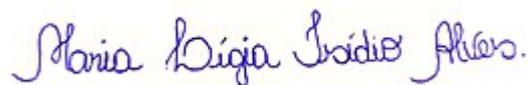
JESUS, Lilian Santos de. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.



Prof.^a Da^a Luana Patrícia Costa Silva
(Orientadora)



Prof.^a Dra. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas



Prof.^a Dra. Maria Lígia Isídio Alves

Amargosa-Ba, 20 de agosto de 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus; sem ele eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho. Sou grata também aos meus pais Marlene Alves dos Santos e João de Jesus, pois é graças aos seus esforços, em sempre me ajudar que hoje posso concluir o meu curso.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder saúde, força, determinação e coragem, não permitindo que eu desistisse no meio do caminho. Ele tem sido meu sustento nos momentos mais difíceis e me alegrado diante de cada conquista alcançada.

Aos meus pais, Marlene Alves e João de Jesus, sou imensamente grata por não medirem esforços para me ajudar a cursar o ensino superior, superando as dificuldades diárias.

À minha irmã, Lívia, que sempre esteve ao meu lado, pronta para me ajudar, incentivar e apoiar em toda essa jornada.

À minha amiga Naelsan Santos, minha companheira fiel na trajetória acadêmica e pessoal, agradeço profundamente por seu apoio incondicional nos momentos difíceis e por todo o carinho que demonstra por mim. Obrigada por compartilhar comigo os bons e maus momentos. E também agradeço às minhas colegas de grupo Claudia, Leilane, Izabel, Joelma, Nilda Maria e Thaís. Sou grata também ao meu colega Mateus que sempre esteve disposto a me ajudar.

Não posso deixar de mencionar minha eterna gratidão a Alana e Josenilda, minhas companheiras de curso que me incentivaram e apoiaram desde o início. Aos meus colegas de viagem entre Mutuípe e Amargosa, obrigada por tornarem nossas viagens mais agradáveis com nossas conversas e risadas. Sempre lembrarei desses momentos.

Agradeço imensamente a todos os professores que acompanharam minha jornada como estudante.

Aos três colaboradores do trabalho, meu sincero agradecimento por aceitarem participar da pesquisa.

À minha orientadora, Prof.^a Luana Costa, que acreditou no meu potencial e colaborou significativamente para a conclusão deste trabalho. Agradeço pela

oportunidade de aprender com você, pelo seu apoio e orientação durante todo o processo de escrita. Sua paciência e incentivo foram fundamentais. Muito obrigada.

À banca examinadora, agradeço por aceitar participar deste momento importante com profissionalismo e dedicação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu alcançasse esta conquista.

JESUS, Lilian Santos de. **Educação e migração: diálogos entre as teorias e as memórias de jovens camponeses da comunidade de Bom Jesus I/Mutuípe-Ba.** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB, Amargosa, 2024, p. 50.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a escola influenciou nas trajetórias de vida dos jovens camponeses da comunidade do Bom Jesus I, de Mutuípe, Bahia. Especificamente, compreender como acontecia as práticas pedagógicas na Escola à luz do olhar dos ex educandos; identificar como os jovens enxergam a escola que frequentaram na infância e sua influência – da escola - no tempo presente, e traçar a história da juventude da comunidade Bom Jesus I, a partir da relação escola x vida. O cerne da questão que norteia esse trabalho é: de que forma, a escola promove e/ou potencializa a formação da identidade da Juventude Camponesa no contexto da Comunidade Bom Jesus I no município de Mutuípe-Ba? A metodologia utilizada foi a Pesquisa Bibliográfica para apropriação da base teórica sobre o assunto e conteúdos afins, optando-se por uma Abordagem Qualitativa de Pesquisa, desenvolvida por meio da História oral e memória, realizada na Comunidade Bom Jesus I, localizada na cidade de Mutuípe-BA. Como aporte teórico, utilizou-se: BRANDÃO (1981); ARROYO (2015); CASTRO (2012); MOLINA (2015), SANTOS (2012), dentre outros autores, os quais discutem educação, Educação do Campo, políticas públicas e demais conteúdos desenvolvidos neste trabalho. Em suma, somado os esforços entre as teorias e as memórias de cada entrevistado, esta pesquisa dialoga com uma educação que emancipa, que é democrática, participativa e que os sujeitos do campo sejam protagonistas nos seus lugares e possam reescrever os seus dizeres e fazeres no campo.

Palavras-chaves: Juventude; Campo; Migração; Memórias.

JESUS, LILIAN SANTOS DE. **EDUCATION AND MIGRATION: DIALOGUES BETWEEN THEORIES AND MEMORIES OF YOUNG PEASANTS FROM THE COMMUNITY OF Bom JESUS I/MUTUÍPE-BA.** MONOGRAPH (GRADUATION IN PEDAGOGY) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA/UFRB, AMARGOSA, 2024, P. 50.

ABSTRACT

THE GENERAL AIM OF THIS RESEARCH IS TO INVESTIGATE HOW SCHOOL HAS INFLUENCED THE LIFE TRAJECTORIES OF YOUNG PEASANTS FROM THE BOM JESUS I COMMUNITY IN MUTUÍPE, BAHIA. SPECIFICALLY, TO UNDERSTAND HOW PEDAGOGICAL PRACTICES TOOK PLACE AT THE SCHOOL FROM THE POINT OF VIEW OF FORMER PUPILS; TO IDENTIFY HOW YOUNG PEOPLE SEE THE SCHOOL THEY ATTENDED IN CHILDHOOD AND ITS INFLUENCE - OF THE SCHOOL - IN THE PRESENT DAY, AND TO TRACE THE HISTORY OF THE YOUTH OF THE BOM JESUS I COMMUNITY, BASED ON THE RELATIONSHIP BETWEEN SCHOOL AND LIFE. THE CRUX OF THE QUESTION GUIDING THIS WORK IS: IN WHAT WAY DOES SCHOOL PROMOTE AND/OR ENHANCE THE FORMATION OF THE IDENTITY OF PEASANT YOUTH IN THE CONTEXT OF THE BOM JESUS I COMMUNITY IN THE MUNICIPALITY OF MUTUÍPE-BA? THE METHODOLOGY USED WAS BIBLIOGRAPHIC RESEARCH TO ACQUIRE THE THEORETICAL BASIS ON THE SUBJECT AND RELATED CONTENT, OPTING FOR A QUALITATIVE RESEARCH APPROACH, DEVELOPED THROUGH ORAL HISTORY AND MEMORY, CARRIED OUT IN THE BOM JESUS I COMMUNITY, LOCATED IN THE CITY OF MUTUÍPE-BA. AS A THEORETICAL CONTRIBUTION, WE USED: BRANDÃO (1981); ARROYO (2015); CASTRO (2012); MOLINA (2015), SANTOS (2012), AMONG OTHER AUTHORS, WHO DISCUSS EDUCATION, RURAL EDUCATION, PUBLIC POLICIES AND OTHER CONTENT DEVELOPED IN THIS WORK. IN SHORT, COMBINING THE EFFORTS OF THEORIES AND THE MEMORIES OF EACH INTERVIEWEE, THIS RESEARCH DIALOGUES WITH AN EDUCATION THAT EMANCIPATES, THAT IS DEMOCRATIC, PARTICIPATORY AND IN WHICH THE PEOPLE OF THE COUNTRYSIDE ARE THE PROTAGONISTS IN THEIR PLACES AND CAN REHABILITATE THEIR LIVES.

KEYWORDS: YOUTH; COUNTRYSIDE; MIGRATION; MEMORIES.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 Juventude camponesa: um breve panorama histórico.....	14
3.2 Juventude e formação escolar do e no campo.....	17
3.3 Práticas Pedagógicas e Perspectivas da Juventude Camponesa.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
4.1 Território e sujeitos da pesquisa.....	24
4.2 (Des)Caminhos da Educação: memórias de jovens camponeses.....	27
4.3 Histórias de Vida de migração: entre sair e ficar.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
7. ANEXO 1	49

Datas. Mas o que são datas? Datas são pontas de icebergs. O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais, que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau

se despedace de encontro às massas submersas que não se veem?
(BOSI, 1992, p. 19).

1 INTRODUÇÃO

A escola do/no campo é responsável pela formação escolar, mas sobretudo, social, humana e cidadã, ampliando os repertórios de possibilidades para o desenvolvimento integral dos sujeitos e a partir das estratégias de inclusão, participação, diálogo e transformação social escolares e pedagógicas que se vislumbram as expectativas educacionais.

Esta pesquisa possui inspiração inicial na minha trajetória pessoal, por ser oriunda do campo, Comunidade Bom Jesus I, do Município de Mutuípe - Ba e ter estudado os Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola organizada em classes multisseriadas. A partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental tornou-se necessário o deslocamento diário para estudar em uma escola da cidade, sendo que esta atendia alunos do campo e área urbana, ambos com realidades completamente diferentes. Este processo de deslocamento foi muito difícil, demorou muito tempo para ocorrer adaptação com o contexto de realidade daquele ambiente escolar.

Por isso, esta pesquisa se justifica também pela luta que o campo persiste para fortalecer a sua própria identidade e as pessoas desse lugar representam uma massa subalterna ao longo da história brasileira, advinda do colonialismo e do neoliberalismo, além de outros mecanismos políticos e econômicos para marginalizar os camponeses. E é justamente assim, marcada por uma história que não reforçou a minha identidade que me embrenho nessa pesquisa para reconhecer-me como sujeito de direito e poder inscrever-me na história com a minha própria voz.

As minhas vivências na escola do campo, assim como a passagem para a cidade foi marcada por dificuldades, como, por exemplo, a locomoção, visto que era preciso sair de casa muito cedo para não perder o transporte escolar. Em dias chuvosos, era comum não chegar no horário previsto de saída do ônibus, visto as

dificuldades de acesso às estradas rurais. Assim perdíamos dias de aulas, atividades e conteúdo que não eram repostos¹, pois não eram motivos justificáveis para alguns professores. Outro fator importante é a adaptação nas escolas urbanas onde os alunos encontram dificuldades de entender os assuntos, pois não é visto na sua realidade, alguns professores não reconhecem o conhecimento prévio, há também um preconceito dos colegas, pois criticam a linguagem que diz ser fora do "padrão" estabelecido.

As salas eram superlotadas com alunos em diferentes níveis de aprendizagens e de idade, os professores utilizavam sempre o livro didático, trazendo elementos distópicos da realidade experienciada no campo e, por fim, pelo fato da escola ser na área urbana, tinha que passar horas dentro de um ônibus superlotado todos os dias para chegar até a escola. Por esses motivos, este trabalho inquieta-se com as influências da escola sobre o processo de construção e afirmação da identidade da juventude camponesa.

Sendo assim, delimitou-se como objetivo geral: investigar como a escola influenciou nas trajetórias de vida dos jovens camponeses da comunidade do Bom Jesus I, de Mutuípe, Bahia. Enquanto objetivos específicos:

- Compreender como acontecia as práticas pedagógicas na Escola à luz do olhar dos ex educandos;
- Identificar como os jovens enxergam a escola que frequentaram na infância e sua influência – da escola - no tempo presente, e
- Traçar a história da juventude da comunidade Bom Jesus I, a partir da relação escola x vida.

O cerne da questão que norteia esse trabalho é: de que forma, a escola promove e/ou potencializa a formação da identidade da Juventude Camponesa no contexto da Comunidade Bom Jesus I no município de Mutuípe-Ba?

O texto está estruturado da seguinte maneira: introdução, a qual apresenta os aspectos gerais da investigação, a parte teórica, responsável pela socialização, diálogo e discussão com os autores selecionados para compreender a temática; a metodologia; os resultados e reflexões, as considerações finais e as referências bibliográficas.

¹ Contrariando as normativas estabelecidas no debate da Educação do Campo, que pontua a necessidade de respeito às temporalidades dos estudantes camponeses.

2. METODOLOGIA

É sabido que toda pesquisa acadêmica requer o aparato teórico que diz respeito ao banco de dados disponíveis sobre uma diversidade de temáticas em diversas áreas do conhecimento, acumulado social e historicamente.

Por isso, inicialmente foi desenvolvida uma revisão bibliográfica para fundamentação e discussão sobre a temática Educação do Campo, assim como um olhar pertinente em relação às conquistas alcançadas nessa trajetória. A escolha desse método se justifica pela flexibilidade que tem em relacionar o tema discutido com as práticas educacionais, fazendo uma síntese do que já foi publicado, possibilitando novas discussões sobre a temática.

Foram elencados o tema e a questão da pesquisa, bem como os seus objetivos. Na segunda etapa da pesquisa, foram elencados os descritores de assunto e as bases de dados a serem pesquisados: Educação do campo; Escola; Educação; Juventude Camponesa; Influências educacionais no/do campo, relação jovens camponeses e a escola e/ou educação.

Na terceira etapa da pesquisa, foram estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram utilizados somente artigos publicados no período de 2013 a 2023, completos, disponíveis em meio eletrônico, publicados em revistas nacionais e que abrangem diretamente ou indiretamente sobre o assunto, considerando a última década, com exceção dos clássicos na área em estudo, na educação e nas questões metodológicas.

Para critérios de exclusão foram utilizados filtros para artigos anteriores ao ano de 2013 e publicações em revistas estrangeiras e que não tinham relação com a temática a ser discutida no corpo dissertativo do trabalho. Procedeu-se à seleção dos artigos que compõem a amostra do estudo com base na leitura do título, do resumo, e do artigo na íntegra, conforme referencial metodológico para estudos do tipo revisão integrativa.

Na quarta etapa, foram discutidos os resultados após extração e interpretação das informações obtidas na etapa anterior do estudo. Identificou-se diversos estudos nas bases de dados pesquisados.

Foram escolhidos artigos de revisão, revisões bibliográficas, teses, dissertações, resultados de pesquisas, relatos de experiência, revisões e relatórios de gestão. Foram excluídos editoriais, cartas, artigos de opinião, comentários, dossiês e artigos que não atendessem o objetivo desta revisão.

Contudo, para a realização da presente investigação optou-se por uma Abordagem Qualitativa de Pesquisa, desenvolvida por meio da História oral e memória, realizada na Comunidade Bom Jesus I, localizada na cidade de Mutuípe-BA. A História oral servirá para tecer as informações e lembranças dos atores participantes, confrontando com objetos ou documentos se houver.

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 15).

A História oral revela contextos que obscuros ou adormecidos pelas circunstâncias da vida, tomam forma através de entrevistas, questionários ou outros diálogos, técnicas e ao serem registradas e/ou contadas, as memórias tornam-se histórias escritas para análises à luz das teorias. Mas, não uma leitura vaga e rasa, mas robusta e consistente, buscando as pontas que ligam cada memória a cada momento.... Portanto,

A história oral não constitui uma ciência independente, mas revela-se fundamental instrumento técnico a serviço das ciências interessadas à(s) problemática(s) da memória. Muitas vezes sua importância mostra-se tamanha a ponto de haver automáticas associações, como memória e história oral ou história da memória e história oral. Passemos, então, da parte técnica à relação subjetiva entre essas temáticas.

Esse tipo de pesquisa não apresenta uma autodependência se comparada às outras ciências, como aponta a citação acima, mas tem em si uma dada importância para as demais ciências quando importa para os estudos e pesquisas, a memória. O que seria da pesquisa acadêmica e científica sem a memória? A memória temporais

e atemporais, reveladas para (re)significar a própria existência da vida humana na terra.

Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao se interpretar a história vivida, no processo de construção da história e conhecimento, os historiadores são influenciados pelas representações e demandas do tempo em que vivem e a partir dessas representações e demandas, voltam seus olhos para o vivido reinterpretando-o, sem, no entanto, o modificar (DELGADO, 2003, p.10).

Enquanto técnica de coleta de dados foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas para identificar as evidências das influências da escola sobre a juventude camponesa, as quais foram interpretadas a partir de uma abordagem qualitativa, pois durante todo o processo de pesquisa, o pesquisador tende a valorizar os aspectos subjetivos, os significados de ações, emoções, vivências e ideias que não podem ser quantificados.

A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado (LE GOFF, 1990, p.23).

Le Goff (1990, p.8) aponta que a história tem dois pontos importantes: cronologia e períodos e “[...] o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta” (p.9).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Juventude camponesa: um breve panorama histórico

Para início de conversa, ao falar sobre a juventude camponesa é importante situar o contexto social e histórico sobre o campo brasileiro desde a chegada dos portugueses, os quais invadiram as terras e construíram seus territórios, iniciando um processo de exploração de maneira violenta e catequista, gerando,

consequentemente a desigualdade na divisão de terras no país e a desvalorização dos trabalhadores camponeses.

Assim, a questão da terra existe num contexto marcado desde a criação das capitanias hereditárias, em que a partir de 1500, sendo instituídas pela coroa portuguesa, pedaços de terras eram distribuídos, mas só para quem podia plantar e pagasse um sexto de tudo o que era produzido e inicia-se a barganha mais desumana da história brasileira, em que os verdadeiros donos da terra pagam para viver nela e de maneira injusta.

Hall (2006) aponta que:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11).

As interações sociais é que possibilitam a construção identitária de cada um, mas a história brasileira está pautada da valorização de uns “eus” em detrimento de outros e inclui o campo como lugar subalterno e inferior se relacionado à área urbana, reforçando a ideia de que o camponês é uma cultura à céu aberto, a qual fora minada por um sistema capitalista muito eficiente e eficaz em evidenciar uma estrutura social sustentada pelo lucro e as experiências culturais tornam-se menos significantes.

E mesmo com a independência do Brasil em 1822, as terras permaneceram concentradas, nas mãos dos senhores de terra que posteriormente chamaríamos de latifúndios. Com o tempo, o processo de modernização ocorre e novamente afeta o campo, o que provoca o êxodo rural e o aumento populacional das cidades e muda a estrutura agrária brasileira. E “[...] à medida que o capitalismo evoluiu da fase mercantil para o capitalismo industrial, como decorrência do processo de acumulação de capital, houve também uma crescente concentração da propriedade da terra” (STÉDILE, 2021, p.628).

Ressaltar a lei de Terras, Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 (o "Estatuto da Terra"), a qual foi estabelecida a compra, através do regime de sesmarias (lote de terra distribuído aos beneficiários). Nessa época, os latifundiários tinham o governo como um instrumento para ampliação de suas terras, reafirmando assim a estrutura latifundiária do Brasil, em que as terras até hoje se concentram em sua maioria nas mãos de poucos e a maioria possuía pequenos terrenos ou pedaços de terra.

Segundo Medeiros (2012, p.445), o regime de sesmarias foi extinto e o país fica sem lei que regulamente a concessão de terras e com a aprovação justamente da Lei de Terras é que muda a situação. Pois, através dela as áreas concedidas anteriormente se tornaram legitimadas, mas a regularização dependia de comprovação de uso da terra, com produções agrícolas e moradia.

E é importante salientar que as terras permaneceram concentradas nos grandes proprietários, pelo poder instituído. Ao longo dos anos e da história agrária no país, percebe-se que o camponês é marginalizado em suas próprias terras e visto como mão-de-obra escravizada, utilizada para abastecer o império burguês e manter a desigual distribuição de terras e assim pobreza, miséria, falta de oportunidades dignas, como o acesso à educação de qualidade.

Diante desse contexto, percebe-se a escola como lugar de transformação social, que possibilita aos sujeitos do campo reescrever e protagonizar a sua história camponesa.

Os movimentos sociais que surgiram, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), fortalecem a luta camponesa e permite a luta pelos direitos e fomento de políticas públicas em prol do homem e da mulher do campo. E o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que não é um movimento, mas se aproxima da juventude quando se trata de acesso ao Ensino Superior.

Contudo,

Em resultado, os conflitos por terra e por direitos se ampliaram, permanecendo o latifúndio como símbolo de relações de exploração e opressão. No que se refere às pequenas propriedades, em especial no sul do país, o endividamento causado pelo esforço de acompanhar a modernização levou muitos pequenos proprietários a vender suas terras, facilitando ainda mais a concentração fundiária (MEDEIROS, 2012, p.448).

Esse contexto nos faz refletir sobre a luta pelo direito à terra e como isso impactou na juventude camponesa, a qual submetida à olhar a sua realidade como desestimulante e começa a vislumbrar a cidade como lugar de conquista e cheio de novidades, o colorido, os cheiros variados e a sensação de bem-estar, atraindo e provocando o êxodo rural, também e principalmente pela busca de trabalho e melhor condição de vida que o campo não alcançava a todos (os pequenos proprietários).

Mais adiante, o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), chama atenção dos latifundiários, os quais dialogam com o movimento em prol não da desapropriação, mas da exploração da terra de maneira a revalorizar e o um ponto significativo é que a terra produtiva não podia ser desapropriada.

Assim, a escola é fundamental para pensar e inserir os sujeitos na história, como conhecedores de si mesmos e do seu povo e lutar por uma causa histórica, social, também cultural e econômica. E neste capítulo, é socializado contribuições teóricas sobre as influências da escola na vida dos jovens camponeses.

3.2. *Juventude e formação escolar no e do campo*

A juventude, enquanto termo tratado científico e academicamente, representando a dicotomia jovem e velho, no que se refere à idade e comportamentos e caracterizando assim como grupos distintos e com necessidades de vida que se diferenciam e há muitas concepções que tornam o termo universalizante, talvez consensual sob uma lógica metodológica, revelando, contudo, as fragilidades que este grupo se insere num rol de grandes transformações ao longo da história.

Esse período juvenil se caracteriza pela idade entre 15 a 17 anos, pós-adolescência e que se encerra ao adentrar no mundo adulto. Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) realizam um novo corte na idade e o ser jovem delimita-se entre 15 a 24 anos de idade.

Por isso que, de acordo com castro (2012, p.439):

Juventude é, sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar a juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se autodefinir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder.

Ainda, o ser jovem está intimamente ligado ao futuro, às possibilidades de mudanças e transformações sociais, de bravura, de saúde e vitalidade. E dessa maneira, o capitalismo e o agronegócio que puniu e sucumbiu a população camponesa durante toda a história, e vamos citar a juventude como grupo severamente afetado e “[...] Sem reforma agrária e sem uma política agrícola centrada na agricultura camponesa, será impossível manter a juventude no campo” (STEDILE, p.633, 2021).

Especificamente, a juventude camponesa, termo que se difunde com Flitner (1968), no século XVIII, como em um estudo de Pestalozzi sobre populações camponesas e Castro (2012) ainda aponta que desde o século XX que o termo faz referência ao jovem que ainda não possui autoridade paterna ou ainda não se emancipou.

É possível notar em estudos que o termo “juventude camponesa” se associa a outro termo “migração”, demonstrando estrategicamente o suposto desinteresse do jovem pelo campo e em busca da cidade para satisfazer-se e sobreviver também. “A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2012, p.439).

Na verdade, o campo sempre foi visto como lugar de atraso e feio, menosprezado, sob a perspectiva da Educação Rural, a qual estava atrelada ao desenvolvimento econômico por uma política elitista, mercadológica e neoliberal, também “adequada aos modelos políticos de desenvolvimento econômico efetivados no campo, cujas bases se fundamentam nos interesses das classes dominantes de certo modo, responsável por preocupantes consequências ao longo dos séculos na escolarização desses povos” (AZEVEDO, 2007, p.145 apud SANTOS, 2010, p.02).

Nesses aspectos, o modelo econômico a que esteve submetida a educação destinada aos sujeitos do campo pelos princípios da Educação Rural é rompida pelos movimentos da Educação do/no campo, a partir de novos conceitos, pensamentos, correntes metodológicas e princípios educacionais e escolares com foco na valorização do camponês e da camponesa, considerando o saldo histórico negativo sobre essa parcela da população e assim observa-se um olhar direcionado para as vivências e a diversidade desses povos.

Diante desse novo contexto que desabrocha pelos movimentos sociais, o jovem camponês tem a possibilidade de se reconhecer nessa história de luta de seus pais e averiguar os fatos contados por uns em detrimento da verdadeira história que assolou os dias da população do campo. O jovem camponês é quem fala agora e fala do seu lugar, do lugar de suas memórias e sentimentos e isso importa para a reconstrução e resignificação da escola no contexto do campo e como isso influencia a vida dos jovens ao longo de suas vidas.

Sendo que

Os estereótipos construídos pelos jovens da cidade com relação aos jovens camponeses é uma das condições mais agravantes nas relações que esse processo provoca. É nesse ambiente que os jovens camponeses se negam ainda mais e passam a atribuir formas urbanas em seus comportamentos, vestimentas e relações, aparecendo aqui, mais uma vez, a negação de sua condição em detrimento do modelo urbano de “ser jovem” (SILVA et al, 2021, p.104).

Assim, a educação é um direito social garantido a todos, uma política de educação do campo requer o reconhecimento da dualidade que existe na dicotomia entre rural e urbano, e a partir dessa compressão, pensar em novas relações baseados na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso (SILVA, 2021). E a juventude camponesa necessita apropriar-se com uma voz não enlutada, mas ressignificada através de um olhar crítico e propositivo.

Ressaltar que a Educação do/no campo, como movimento de luta, que surge nos movimentos sociais, através de uma pauta popular, insere a juventude do campo como protagonista de sua história e pensar a juventude desse contexto e as influências que a escola tem sobre as suas trajetórias evidencia a importância e legalidade da escola promover a inclusão de todos com qualidade e equidade, colaborando para vencer os preconceitos, a exclusão.

Assim, o lugar de fala, mais do que escola, é o lugar do sujeito que hoje fala e nega essa negação. Hoje, o lugar de fala é de “negar a negação”, porém, é necessário elucidar porque essa negação foi um dia construída e compreender quais os espaços que se possibilitou processos de fragmentação das identidades desses jovens camponeses (SILVA et al, 2021, p.98).

Desta forma, para Andrade (2017) o ambiente educacional é assumido por uma Instituição Social como a escola e este local precisa apoiar e acompanhar as exigências que participam da construção de novos conhecimentos, desviando de abordagens que impossibilitem o acesso à educação escolar real e adequada.

Percebe-se a juventude camponesa situada na história mais recentemente como protagonistas da história do campo e da escola do campo. Mas deve-se considerar o fato de que

Em comum, trata-se de uma juventude que ainda se confronta com preconceitos das imagens “urbanas” sobre o campo. Esses jovens se

apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores, pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos (CASTRO, 2021, p.442).

Segundo Araújo (2021) a educação do trabalhador camponês ou a educação do campo tem entrado em debate nas discussões que envolvem o setor público e movimentos sociais que buscam a resolução para os problemas identificados nesses impasses. A educação no campo vem sofrendo diversas modificações ao longo dos anos, como a adequação dos planos de aula à realidade dos alunos camponeses, realidade conquistada após lutas dos movimentos relacionados à educação, visando a exclusão da concepção de que os alunos do campo seriam subordinados à população dos grandes centros urbanos ou que não teriam a capacidade de aprender (ARAÚJO, 2021).

Santos (2018) coloca que ao revisitar a história da educação no meio rural no Brasil, percebe-se que a escola no/do campo, foi tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, a população das zonas rurais ficariam em situação inferior por ser negado o acesso e reconhecimento e garantia do direito à educação básica. As escolas rurais no Brasil tiveram seu processo de construção e implantação retardadas devido o apoio insuficiente por parte do Estado para sua eficácia.

E o vislumbre da cidade desatou uma atenção aos jovens camponeses, que ao vivenciar e experienciar a realidade urbana, deleita-se naquilo que parece confortável e agradável, mas de maneira singela, açoita o eu camponês brutalmente para impor os valores e princípios capitalistas na negação, a partir da migração e romper com essas barreiras têm se arrastado aos longos dos anos, em especial quando inicia o século XX.

Segundo Fernandes (2017) e Molina (2019) pode-se considerar a escola do campo, como aquela que trabalha interesses, políticos, culturais e econômicos de diversos grupos do campo nas suas diversas formas do trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo de crescimento e adaptação, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias aplicadas a perspectiva do desenvolvimento cultural, social e econômico igualitário deste grupo populacional do campo (FERNANDES, 2017; MOLINA, 2019).

A educação no/do campo deve significar um espaço de vida e resistência onde a juventude camponesa possa lutar pelos seus direitos, através de movimentos sociais e sindicais organizados por este grupo (CHAVES, 2016). Segundo as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, a identidade da escola do campo pode ser definida da seguinte maneira:

Art.2- Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões a qualidades social na vida coletiva do País (BRASIL. 2002 p.37).

Para Chaves (2016) o processo identitário das escolas do campo foi marcado por avanços e retrocessos que dependem de ações da gestão governamental, política e social. É notório que houve uma negociação e reconstrução pela sua identificação. As escolas do campo têm diversidade e a características dos alunos que vivem no meio rural, por é necessário, durante as práticas em sala de aula, assim como na elaboração dos projetos curriculares, considerar as especificidades dos povos do campo, ao reconhecer os seus saberes, culturas, modos de vida, e as lutas por uma educação pública de qualidade a todos os sujeitos do campo.

De acordo Santos (2018) o ensino campestino apresenta-se diferente do ensino da zona urbana, pois quando comparados identificamos bastante precariedade em vários aspectos, como a escassez de materiais, a insuficiência de professores, a ausência de estrutura física adequada e problemas relacionados à gestão política. Grande parte dos problemas estão relacionados a ausência de estrutura física adequada e de materiais, acarretando uma grande parcela de inferioridade ao ensino, mesmo com toda a precariedade existente, existe uma história de muitas lutas, de conquistas e de vitórias nas escolas da zona rural e questões a serem levantadas pela educação

Para Santos (2018) o ambiente educacional é considerado o lugar legítimo de aprendizagem, produção, construção e reconstrução de conhecimento, por tanto, deveria preocupar-se também em aprender procedimentos e atitudes, conhecer a realidade de seus participantes, ensinar a pensar, questionar, refletir e observar sua função social e qual o meio social de cada participante.

Segundo Santos (2018) os desafios na educação camponesa no Brasil ainda é uma realidade, mesmo diante dos avanços consideráveis novos debates acerca da concepção sobre educação do campo, precisam acontecer buscando muitas melhorias para que haja a plena eficácia no ensino escolar da zona rural.

E falar da juventude camponesa fazendo referência à educação é importante para frisar a responsabilidade que a escola tem nesse processo de retratação histórica, em se tratando da classe menos favorecida do campo e assim elencar novas estratégias metodológicas, não baseado no conceito da dicotomia jovem e velho, mas pensar e articular a juventude camponesa como um poderoso instrumento de luta e conhecimento popular e científico.

Por isso,

Assim, “ficar ou sair” do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica (CASTRO, 2012, p.442).

E ao analisar a Lei n 5.692/1971, observa-se pontualmente que a educação para os povos do campo não foi focalizada ou enfatizada e sim, destruída de sua identidade e afastada de suas necessidades e princípios. Nota-se que desde a década de 60, a educação camponesa vem capitulando programas educacionais via ministério e conselhos de Educação, sem, contudo, estabelecer uma filosofia e/ou uma política pública específica para escolaridades nas regiões rurais.

3.3. Práticas Pedagógicas e Perspectivas da Juventude Camponesa

Os jovens camponeses precisam de protagonismo para que novas histórias sejam contadas e recriados também os dizeres sobre o campo, reafirmando a importância da terra para todas as pessoas.

O campo é lugar de vida e a escola deve se aproveitar das riquezas camponesas e desenvolver aulas que perpassam pelas reais necessidades dos estudantes, através de momentos reflexivos, críticos para provocar a transformação social.

Pois,

A sociedade que perdeu a sua juventude, isto é, a sua memória de quem vive e se fez jovem, vive com medo de perder o controle e dizer que os jovens deverão esperar a sua vez. Com temor da reação a

sociedade controla e busca coibir as manifestações dos jovens, mas não são expressões de seu tempo e do nosso tempo? A ocupação de escola, estar nas ruas, se rebelar contra as formas de educar e de formar é tão velho tanto quanto a história da humanidade (ZART, 2017, p.10).

A citação acima demonstra a importância da criação das histórias e entender como o campo se forma no país, diz respeito à possibilidade de apropriação dos saberes camponeses e de toda a diversidade dos povos.

[...] A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente (CALDART, 2012, p. 24).

A escola do/no campo, necessariamente deve ser lugar de aprendizado, de apropriação dos saberes locais, apropriação da terra como lugar de moradia e pertencimento e a citação acima aponta para que os sujeitos desse lugar se sintam orgulhosos da sua origem.

Fernandes e Molina (2005, p. 9) apontam que:

O movimento Por uma Educação do Campo recusa essa visão [do latifúndio], concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais. Esta neoconcepção educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses. Um princípio da Educação do Campo é que sujeitos da educação do campo são sujeitos do campo: pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores, camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos de florestas, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóias-frias.

Que projeto de Educação do/no campo contempla as necessidades dos sujeitos que moram no campo? Quais concepções e metodologias devem ser ressignificadas pelas escolas? Quem são os sujeitos que representam o campo? A escola tem conseguido dar conta das diversidades desse contexto? Esse texto provoca discussões em torno da valorização dos jovens camponeses a partir das influências da escola e faz-nos entender que as estruturas dominantes que são sociais e históricas, culturais e econômicas interessam.

Por isso “o intuito é ver os jovens se prepararem para tomar decisões coletivas e resolver problemas que afetam suas vidas e trazem implicações para o seu futuro,

quer seja no núcleo escolar, familiar, comunitário ou qualquer outro grupo do qual façam parte” (PINHO, 2017, p.07).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo é dedicado à apresentação das informações tecidas em campo, através da investigação científica mediada pela metodologia da História Oral e Abordagem Qualitativa dos dados junto aos sujeitos da investigação, na perspectiva de diálogo com a base teórica aqui selecionada e o olhar desenvolvido e desempenhado para abordar as abordagens conceituais e a ida a campo.

Trata, especificamente, do território em que foi desenvolvida a pesquisa, em se tratando do município e sua localização, bem os sujeitos participantes, a caracterização da comunidade rural selecionada e discussão reflexiva e crítica das informações, sem necessariamente transformar os dados em números estatísticos, mas tecer fios de diálogos sobre uma especificidade do campo, em se tratando da dimensão educacional e pedagógica nele desenvolvido a partir da escola e seus profissionais.

4.1. Território e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Comunidade Bom Jesus I, localizada na cidade de Mutuípe-BA, há aproximadamente 12 km da sede da cidade. A comunidade do Bom Jesus I é formada por 50 a 77 famílias, geralmente são compostas na sua maioria por mulheres, no entanto os homens ainda são considerados os chefes da família. Todos os moradores têm acesso a luz elétrica, água por meio de nascentes ou barragens; o saneamento nas comunidades ainda é escasso, uma vez que várias famílias não possuem fossas. É oferecido alguns serviços pelos postos de saúde que são em localidades vizinhas, ou na cidade. Porém esses postos do campo são apenas para atendimentos prévios e marcação de exames. O problema de saúde, mais comumente na população da comunidade, é a hipertensão, na qual as pessoas fazem o acompanhamento no posto de saúde e no posto de apoio das comunidades.

Um dos meios de transporte mais utilizado pela população é o ônibus, no entanto algumas pessoas possuem carros e motos, assim como existe também a

utilização de animais como cavalos e burros, como forma de deslocamento, onde as estradas apresentam uma boa condição, apesar de não ter nenhuma pavimentação.

Acontecem algumas festas tradicionais como as rezas a partir do mês de setembro, as pessoas mais velhas fazem o caruru e o vatapá². Predomina-se as religiões católica e evangélica, onde os líderes de cada igreja organizam eventos. No caso da igreja católica, realizam-se missas e algumas celebrações, na evangélica prevalecem os cultos.

As fontes de renda das famílias da comunidade, é a lavoura cacaeira, a partir da colheita do cacau e a venda em armazéns da cidade, o cultivo de hortaliças nos quintais e a venda desses produtos na feira livre; o benefício bolsa família; a prestação de serviços e diárias, que geralmente são em propriedades vizinhas, também trabalhando na lavoura cacaeira, assim como a poda e a capina. Essas pessoas trabalham o dia inteiro com intervalo para o almoço, e de segunda a sexta, onde os homens ganham 80 reais, e as mulheres 70\$ por dia.

Algumas famílias participam do sindicato e pagam uma taxa mensal de \$15,00 reais para sempre que precisarem de assistência, ou alguma representação por parte do órgão, sempre participam de assembleias. Outras famílias acessam financiamentos, por meio do programa PRONAF, com intermédio da CEPLAC, afim de conseguir assistência e comprar equipamentos para suas lavouras.

Um dos problemas que se tem é a elevada taxa de analfabetismo na comunidade, a faixa etária das pessoas que não são alfabetizadas, e só tem o ensino fundamental incompleto é de 25 a 40 anos, uma vez que as pessoas deixam os estudos para trabalhar e ajudar a família, não tendo motivação e valorização enquanto sujeitos e formadores da história do campo.

Ainda, na comunidade do Bom Jesus 1 existia um programa que trabalhava com a alfabetização de jovens e adultos (TOPA), no entanto, por falta de alunos e de professores para exercer o cargo, o programa acabou na comunidade pesquisada, há uma escola com 14 alunos e uma professora.

No Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS) do Vale do Jiquiriçá, referente ao município de Mutuípe e a Comunidade dos sujeitos,

² A receita do **vatapá** chegou no Brasil durante o século XVI nos porões dos navios negreiros. Estudiosos acreditam que o prato tenha vindo especificamente da região onde hoje é a Nigéria, mas sofreu mudanças ao chegar no “Novo Mundo” adaptando-se a ingredientes locais. E o **caruru**, de origem indígena, feito com taioba ou bredo-de-santo-antônio, planta também conhecida como caruru. Outros ainda falam sobre receitas semelhantes em Portugal e na Espanha (**Fonte Google**).

apresenta o resultado da participação social em compreender e delimitar uma visão rural sustentável e desenvolvimento sustentável para que as desigualdades territoriais e sociais diminuam.

Ao longo do processo de desenvolvimento das concepções teóricas acerca da sustentabilidade na perspectiva rural, vem se arrastando correntes metodológicas e conceituais, pensamentos e o cerne da questão é compreender as políticas territoriais a partir da perspectiva participativa social para fortalecer justamente o desenvolvimento social e territorial do município e seu entorno.

E ao longo dos anos, como em 2010, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CONDRAF), a Política de Desenvolvimento Territorial (PDBR), ganhando destaque e impulso.

O território Vale do Jiquiriçá localiza-se na faixa intermediária entre a zona litorânea e o sertão baiano, abrangendo um dos vinte e cinco municípios que compõem a bacia hidrográfica do Rio Jiquiriçá. O processo de ocupação desta região se deu a partir dos primeiros núcleos instalados na faixa do litoral no século XV. Ao longo do tempo foram surgindo aglomerações humanas que se transformaram em freguesias, vilas e cidades. A evolução territorial da Região do Jiquiriçá se deu a partir das Capitâneas de São Jorge dos Ilhéus e da Bahia de Todos os Santos, unificadas em 1775, como Capitania da Bahia (PTDRS, 2017). (Vide quadros 1 e 2).

Os participantes da pesquisa são jovens camponeses da Comunidade acima mencionada, estes, estudaram em uma escola localizada na comunidade e aqui eles relatam sobre as suas itinerâncias, resistências, datas e momentos significantes ou ressignificados, enfrentamentos e protagonismos no deslocamento e/ou migração para a cidade.

Na perspectiva de organizar informações em categorias, para uma análise mais detalhada, organizamos um quadro, com categorias e identificação dos nossos interlocutores. A estes, demos nomes fictícios, apresentamos o gênero, idade, ocupação, número de migrações e se reside ou não na comunidade. É importante ressaltar que foram respeitadas e mantidas as falas dos entrevistados na íntegra.

Quadro 1: Identificação dos entrevistados

Nome	Idade	Gênero	Ocupação	Número de migrações	Reside na comunidade
-------------	--------------	---------------	-----------------	----------------------------	-----------------------------

Rosa	29	Feminino	Profissional de Apoio	2	Não
Flor	33	Feminino	Coordenadora Pedagógica	2	Não
Girassol	21	Masculino	Estudante/Cursando Pedagogia e trabalha num caixa de uma loja de material de construção na cidade	0	Sim

Fonte: Elaboração dos autores

4.2. **(Des)Caminhos da Educação: memórias de jovens camponeses**

A educação enquanto um direito instituído legalmente, permanece num descompasso entre as realidades dos sujeitos camponeses e o que é ofertado como saber e cultura. E desta maneira, as memórias dos jovens camponeses contém as dores e delícias em ser do campo e com este lugar toda a luta para a sua sobrevivência e existência e nestes aspectos, dos (des) caminhos da educação pública e básica, há um discurso e um movimento em prol da retomada de consciência e de democracia, para reconhecimento e valorização dos povos do campo junto aos seus saberes, conhecimentos.

Nesta parte dos resultados, é apresentado o conceito de educação pelos sujeitos entrevistados e as conversas com os atores participantes trazem o sentido e o significado da escola do campo e a necessidade da cultura científica bem como dos saberes populares, considerando que a educação, multifacetada, se apresenta de maneiras diversas para o pleno desenvolvimento das pessoas

Sobre a **concepção de educação** para os entrevistados, Rosa afirma que:

"Para mim, educação é tudo que se aprende na vivência no cotidiano, na cultura, na família né? na escola, no grupo de amigos... tudo que leva o ser humano a se desenvolver, é a criar, a investigar, a querer sempre saber mais... isso tudo é educação, tudo que se aprende é educação. E também aquela educação escolar né? chamada educação formal, que é a educação básica né? Que tá dividida em ensino infantil, fundamental e médio. Então, para mim, tudo que aprende, todos os atos, hábitos, tudo é educação em todo lugar que o indivíduo está inserido... ali tem educação." (Rosa, jovem 29 anos).

Para Rosa, a concepção de educação é uma concepção ampliada. Sua interpretação se aproxima dos conceitos de Brandão (1981, p.02) sobre Educação quando o autor aponta que “a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida”. Esse tipo de educação faz parte da cultura e das experiências dos sujeitos.

A entrevistada acima, compreende que a educação se dá nas relações com o outro e no dia-a-dia, tanto na vida escolar quanto na vida social. Paulo Freire (2003, p.40) afirma que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]” e é justamente isso que Rosa nos traz, que a educação se manifesta no nosso cotidiano e em muitas situações, que não se reduz a formalidade.

Para Flor, a educação:

(...) é antes de tudo um direito constituído legalmente e depois todo o processo pelo qual o indivíduo passa durante toda a sua vida, que é a disponibilidade para aprender e se desenvolver, por meio da socialização dos saberes, conhecimentos e cultura, através das relações humanas estabelecidas social e historicamente. (Flor, jovem 33 anos).

Girassol, sinaliza:

“Educação, para mim, é um processo de aprendizado que envolve a transferência de conhecimento e valores, ajudando no desenvolvimento do indivíduo. No meu ver, a educação não ocorre apenas na escola; a educação vem primeiramente da família, que educa o indivíduo pra viver na sociedade. Eu considero a educação a base de tudo. Com educação, desenvolvemos o pensamento crítico e avançamos no nosso crescimento pessoal.” (Girassol, jovem 21 anos).

Observa-se que os olhares sobre a educação, perpassam pelas falas dos entrevistados, os quais apontam para uma educação para além da escola como lugar que transmite, ensina, enfim, a educação é social, aprendemos com o outro e ao longo da vida.

Questionados sobre **a escola do campo em que estudavam**, em se tratando dos professores, a ida, às brincadeiras e o espaço, os entrevistados apontam para escolas simples, com recursos mínimos, localizadas próximo ou em pastos, o trajeto feito caminhando, relembram de pessoas que encontravam, as vendinhas, enfim, tudo simples e mesmo com as dificuldades, demonstram nas falas, alegria e diversão. Sobre isso, veja o que Flor nos diz:

A professora era a minha mãe, um exemplo de ser humano maravilhoso e me acolheu, me amou, me corrigiu e me ensinou. Aprendi a ler com ela antes de ir pra escola, foi incrível. Íamos a pé e as brincadeiras eram ao ar livre, na frente e aos arredores da escola, de pega-pega, esconde-esconde, por exemplo, ou ficávamos sentados lanchando e conversando. A merendeira era bastante presente em tudo e as crianças eram de todas as formas e isso tornava um público bastante heterogêneo e desafiador para a minha mãe, que com bravura e coragem dava conta de tudo com muita sabedoria. (Flor, jovem 33 anos).

Outro questionamento foi sobre a infância no campo e Rosa diz que:

"A minha infância na zona rural foi boa, foi divertida, né? Foi de aprendizagem, também foi de desafios e de brincadeiras também, né? Eu brincava muito com meus primos, que moravam com meus avós. Por eu ser pequena, minha mãe e meu pai iam para as diárias, né? E nesse tempo, eles trabalhavam na diária, aí eu ficava com meus avós. Quando eu estudava à tarde, ficava pela manhã com eles; e quando estudava pela manhã, ficava com eles à tarde. Da minha casa para a casa dos meus avós, é uma ladeira; todos os dias eu subia e descia essa ladeira, fazia esse percurso. Além desse percurso, fazia o da escola, que era distante. A gente brincava de muitas brincadeiras: de casinha, de pega-pega, de boca de forno, de melancia, todas essas brincadeiras a gente brincava. E depois, a gente ia ajudar, né? Como eles falam, na lida de descarocar o cacau. Não era obrigado, mas a gente ia e via eles fazendo." (Rosa, jovem 29 anos).

Aqui a entrevistada ressalta a diversão que gerou aprendizagens e assim como os outros entrevistados, o trajeto de casa para a escola, era motivação para brincar e de maneira muito prazerosa. E já que demorava o caminhar, tudo no caminho chamava a atenção e era motivo para gerar brincadeiras.

Para Arroyo inquieta os leitores, quando questiona “memórias como tantas memórias não estão profundamente marcadas por como vivemos a infância? As primeiras marcas do humano e do desumano não vêm da infância?” (2015, p. 336). Ou seja, é nessa fase, a infância no campo, em que as memórias, sejam elas positivas ou negativas são criadas e vão sendo ressignificadas ao longo da vida com outras experiências.

Flor sinaliza que:

Tive a melhor infância. Na roça, a sensação é de liberdade, são muitos cheiros, gostos diferentes. Eu tinha muitos primos para brincar. Meu

pai marcou a minha infância, lembro mais dele do que minha mãe, porque antes de começar a estudar era ele quem cuidava de mim e meu irmão e ela trabalhava dia todo; havia vezes de mainha sair pra dar aula e a gente está dormindo (eu e meu irmão) e quando voltava de tarde, havia também vezes da gente está deitado e dormindo. Meu pai era (ainda é) agricultor, lavrador e íamos pra roça com ele. Brincávamos de esconde-esconde, pega-pega, brincando com ferramentas de trabalho, como enxada, machado (um dia me cortei com um machado). Minha mainha é minha rainha, mas meu pai também é meu rei e herói. Ele me deu uma boneca de cabelo preto e grande, muito parecida comigo. Minha mãe sempre trazia um batom pra gente quando vinha da cidade ou outro doce. Nossas vestimentas de cristãos era motivo de bullying, de zombarias e risadas e eu me sentia mal. Primas vestidas com roupas curtas e eu comportada, com vestimenta que protege uma criança. Na época não entendia, mas agora sim, compreendo. (Flor, jovem 33 anos).

Algo importante ressoa nessa fala de Flor, que são assuntos tratados hoje na escola e não naquela época, como bullying relacionado à diversos fatores e no caso dessa entrevistada, o seu jeito cristão e a sua religião eram motivos de zombaria. Hoje, a escola combate esses assuntos de maneira mais direcionada e estratégica, mas antes, não se tinha essa maturidade e pensamento, conceitos desconhecidos.

Para Girassol:

"Minha infância foi toda no campo, onde considero que foi muito bom, pois tive muito contato com a natureza e mais liberdade para brincar nas áreas externas. Visto que na zona urbana, na cidade, as crianças não têm esse acesso de brincar nas áreas externas nem esse contato direto com a natureza. Também foi bom porque desde a infância aprendi um pouco da agricultura e das culturas do campo. É isso." (Girassol, jovem 21 anos).

As falas outra vez se aproximam e trazem a infância no campo como algo bom, o contato com a natureza, as brincadeiras saudáveis, as aprendizagens e experiências por meio das brincadeiras.

Para Lima, Almeida e Silva (2022, p.100) “cabe ao educador construir e desenvolver junto com as crianças uma rotina diversa, flexível e colaborativa. A brincadeira não pode ser adotada como uma ocupação do tempo livre, como também a criança não pode simplesmente brincar sem a mediação do adulto”.

Vejamos que:

É sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta,

narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

E sobre **os assuntos escolares, se davam conta dos aspectos do campo**, Flor e Rosa não recordam muito, porém Girassol aponta:

"Sim, eles tratavam muito da agricultura, trazendo de perto e muitas vezes levavam produtos da agricultura para demonstrar em sala de aula as práticas. Também tratavam do meio ambiente, sobre como preservar o meio ambiente, e tratavam também sobre folhas medicinais que têm muito a ver com o campo. Além disso, eram tratadas as culturas locais." (Girassol, jovem 21 anos).

Se analisarmos, a escola do campo é viva em sua essência, que é manifestada pela sua própria existência. E o que hoje as lutas buscam é que os saberes do campo sejam reconhecidos, valorizados e problematizados em sala de aula, de maneira crítica e reflexiva.

Diante disso, segundo Silva, Araújo e Araújo (2013, p.32):

A proposta de educação do campo não possui a ideia de tirar a educação que já existe, mas sim adaptá-la para uma melhor concepção de sujeito do campo, fazendo uma educação de forma contextualizada com a realidade deste sujeito, uma educação que possa partir do meio em que ele se encontra para o mundo. (Silva, Araújo e Araújo, 2013, p.32).

Nesse contexto de resistência e luta em morar e permanecer no campo, quando perguntados sobre as influências da escola do campo nas suas vidas, Rosa salienta que:

"Tanto a escola, como os professores e o que eles me influenciaram em quem eu sou hoje, em relação ao estudar para ter uma profissão. Porque eu sabia o que eu não queria ser, mas o que eu queria ser eu não sabia. E com a ajuda e as falas de alguns professores, eu vi que o estudo era muito importante para me ajudar nesse processo de saber o que eu queria em relação à minha profissão." (Rosa, jovem 29 anos).

A importância do estudo e da escola são assuntos que perpassam as falas e trazem a importância da escola no campo para renovar esperanças, ressignificar vidas e sonhos e alargar as oportunidades de perceber o mundo e as coisas ao redor.

Para Flor:

A minha mãe é o maior exemplo de professor e educador na minha vida profissional e como pessoa também e principalmente na minha vida espiritual. Ela influenciou em tudo. Meu bisavô passou o ofício para a filha que criou minha mãe (minha vó) e esta passou a turma para mainha e ela me incentivou a fazer Pedagogia. Essa é a maior influência e a mais marcante. O que sou foi por ela, por causa dela, por meio dela e chegar até aqui com a minha bagagem humana e como professora, sou grata à Deus por ter sido aprendiz da minha mainha. (Flor, jovem 33 anos).

E para Girassol:

"Sim, pois a escola desempenhou um papel fundamental na minha formação e no que me tornei hoje. Foi na escola do campo, na minha infância, que desenvolvi o pensamento crítico e comecei a gostar de políticas públicas e sociais. As dificuldades enfrentadas na escola me fizeram procurar sobre nossos direitos, e a escola do campo me ajudou a me tornar quem sou hoje. Hoje faço graduação em Pedagogia." (Girassol, jovem 21 anos)

Os entrevistados dizem sobre a sua formação como gente e isso é plausível, porque reflete os direitos dos sujeitos do campo e na escola do campo, ou sendo campo ou urbana, que é essa formação integral, para a vida e não somente para a vida escolar.

Sobre as **aulas e recursos utilizados**, Rosa diz:

As aulas eram expositivas né os professores falando lá na frente e a gente sentados né em fileiras ou no círculo prestando atenção né entre aspas nem sempre nas explicações que os professores estavam dando uns dos recursos que eles utilizavam eram um rádio que tocava Cd né, e o livro didático e atividade de campo que eram pouquíssimas que era ali mesmo na região perto da escola. (Rosa, jovem 29 anos)

A presença das filas é algo que faz parte da concepção tradicional de ensino e no campo existiam aquelas carteiras grandes e cabiam dois ou três estudantes e mesmo assim, em fileiras.

Paulo Freire (2005):

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir "conhecimentos" e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação "bancária", mas um ato cognoscente. ... O antagonismo entre as duas concepções, uma, a "bancária" [grifos do autor], que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira,

necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (p. 78).

Flor e Rosa apontam para a simplicidade das aulas, do professor como o detentor do saber e os estudantes como escutas. Veja o que Flor diz:

Aulas simples, mas que geravam entendimento, porém não vou recordar detalhes, porque não me lembro. Mas tudo feito com muita dedicação e organização, planejamento. Os alunos a respeitavam e tudo ocorria bem. Recursos eram quadro e giz, atividades mimeografadas, livro didático, uso do caderno, atividades em dupla ou grupos, atividades na área externa e a sala organizada estrategicamente para alfabetizar. (Flor, jovem 33 anos)

E para Girassol, que não distancia a fala de Rosa e Flor, aponta que:

"As aulas, na maioria das vezes, eram teóricas; algumas vezes tinha aulas práticas, mas a maioria era teórica. Não tínhamos muitos recursos para utilizar; o recurso mais utilizado era o livro didático, que os professores nos mandavam ler e responder às atividades que tinha naquele livro. Também utilizávamos muito livro de leitura infantil." (Girassol, jovem 21 anos)

O terceiro questionamento foi sobre **a escola do campo em que estudaram** e as respostas abaixo são de grande relevância para o contexto da pesquisa, de perceber como a escola contribui para a formação dos sujeitos integralmente.

Rosa disse que:

"A escola do campo que eu estudei foi a Escola Honório Ribeiro Costa, na região do Bom Jesus I. Ela era uma escola um pouco não distante da minha casa; eu ia a pé, fazia o percurso todos os dias a pé, de quarenta minutos, né? com meus primos. Teve anos que a gente estudava pela manhã e anos que a gente estudava pela tarde. Era uma escola pequena, com duas salas. Geralmente faltava muita água, que vinha de um poço, e a estrutura dela também não era boa. Tinha muitas andorinhas que habitavam lá, aí todos os dias quando a gente chegava, era uma sujeira com as andorinhas, tinham ótimos funcionários de limpeza, mas era constante a sujeira que era o cocô das andorinhas. Mas fora isso, tinha ótimos professores. Porém, também tinha uma rotação; a gente não conseguia finalizar o ano letivo com o mesmo professor, sempre tinha essa rotação de professores. Sempre estudei em ni classes multisseriadas, da minha primeira série até a quarta série, hoje conhecida como primeiro ano até quarto ano. Sempre fui de classe multisseriada, né? Eu tenho a lembrança de sentar sempre em fileira agente, os quadros aqueles quadros negros que os professores sempre utilizavam giz, a sala as paredes cheias de cartazes que a gente produzia. Como também tenho lembrança de um

armário de ferro que tinha várias prateleiras tinha livros, revistas essas coisas." (Rosa, jovem 29 anos)

Flor também aponta para a simplicidade da escola em que estou, ao dizer que:

A minha escola era pequena, tinha um banheiro dentro dela que era usado para depósito, uma cozinha, uma sala de aula com carteiras usadas e feias, não tinha cor nem brilho, era muito simples, cercada por pastos e poucas casas em seu arredor, crianças de todo tipo e cores e jeitos. E havia um banheiro fora da escola, ao lado, um buraco, na verdade, no chão, coberto por uma estrutura extremamente simples e o medo pairava ao usar, porque eram muitos pequenos e corria risco de cair dentro. Minha mãe era a minha professora e a única na região. Para mim era uma alegria ir para a escola com minha, meu irmão e colegas. Eu aprendi a ler cedo, com 5 anos ou antes, não me recordo bem e na época não precisei fazer a Educação Infantil, fui direto para a antiga 1ª série. Subíamos cantando, pulando e brincando. E apesar da falta de luxo, cores e brilhos, havia uma sensação de bem-estar, de aconchego, coisas da roça mesmo, eram crianças simples e felizes. (Flor, jovem 33 anos)

O signifiante na fala de Flor é que sua mãe era sua professora e a relação com o irmão também na turma e como isso tornava o processo mais dinâmico, leve e prazeroso todos os dias. Assim como Rosa aponta o parentesco e isso ajudar na socialização em sala de aula e todo o contexto da escola do campo apresenta uma dinamicidade que perpassa os conceitos e concepções aqui descritos, sendo apenas costuras que a pesquisa traz para tecer algo maior que é o pensamento sobre essa escola que influencia na vida das pessoas ao longo da sua trajetória e apesar das lutas, há uma alegria manifestada nas falas, direta ou indiretamente, em ter sido as suas histórias de vida construídas nesse lugar.

Girassol, na oportunidade da pergunta sobre a escola do campo que estudou, disse que:

“A escola em que eu estudei não tinha boas condições, não oferecia recursos adequados para os alunos e professores, e sempre faltava abastecimento de água. Funcionava o abastecimento lá por meio de fonte; às vezes o nível da água ficava baixo, e a bomba não conseguia jogar para a caixa d'água. Muitas vezes, a aula era cancelada por falta de água para fazer o lanche e para a limpeza da escola. Além disso, havia a questão da estrada para chegar na escola, que não tinha boas condições.” (Girassol, jovem 21 anos)

Ao longo dos últimos anos, a escola rural, aquela que recebia os restos de materiais que sobravam da escola da cidade, ganha uma nova perspectiva, e o termo campo referindo-se à uma luta de classe também, em provocar a garantia de uma escola de qualidade e de direitos que precisam ser movidos e falados. Nas falas dos entrevistados percebe-se quão precária era a escola do campo e infelizmente as condições das escolas do campo hoje ainda enfrentam muitos desafios. Ao longo dos anos, as escolas ficaram mais equipadas, organizadas, com mais condições de existências, mas há muitas brigas travadas para romper com estereótipos que inferiorizam a escola do campo se comparar com a escola da cidade.

Quando questionadas sobre as **dificuldades enfrentadas pelo entrevistado na escola do campo**.

Vejamos o que Rosa compartilhou:

"Uma das dificuldades que a gente tinha era em relação ao percurso, né? Eu falo 'nós' porque era eu, meus primos e uns colegas que faziam o percurso de quarenta minutos todos os dias, chovendo ou não. A gente tinha que ir, e quando chovia era mais difiquitioso, tinha que passar pelo meio de um pasto. Nesse pasto, tinha vacas, bois, e isso sempre dava medo, né? de fazer esse percurso por causa desses animais. Mas em relação ao lanche, aos professores, como eu falei, tinha essa rotação de professores; a gente não conseguia finalizar o ano com o mesmo professor. Porém, eles eram bons, e o lanche assim não era todos os dias que tinha. Geralmente, um mês tinha e depois ficava uma semana sem ter." (Rosa, jovem 29 anos)

O que Flor também compartilhou não difere muito do que Rosa sinaliza, se considerarmos as dificuldades enfrentadas. E uma das coisas que são semelhantes é quanto ao trajeto, às chuvas, por exemplo.

Observe o que Flor nos diz:

O percurso era perigoso, muitas vezes, quando tinha gados nos pastos dos grandes fazendeiros e para chegar mais rápido, na maioria das vezes, pegávamos atalho por dentro desses pastos. Em períodos chuvosos também era difícil, mas não sei relatar em detalhes como fazíamos. Outras dificuldades eram quanto à adaptação, minha mãe evangélica e os seus princípios me encorajavam a ser sempre melhor que o dia anterior. Ou seja, ela agia como professora e me encorajava a vê-la assim e como criança pequena, uma vez chorei porque pedi uma atenção maior na provinha e ela se posicionou firme e chorei; foi ali que deu um nó na minha cabeça e não sabia diferenciar minha mãe de professora. Mas ao mesmo tempo, me ajudou a entender que ela precisava agir assim, que era o correto. Enfim. Outras dificuldades era a ladeira enorme e muito alta, por dentro de pastos e outras. E quando a escola fechou por falta de demanda de aluno na comunidade, isso gerou grandes mudanças em minha vida. (Flor, jovem 33 anos)

Importante frisar que muitas dificuldades sinalizadas fazem parte do contexto do campo e sempre haverá estradas com menos qualidade para passagem de pessoas, atalhos para as ladeiras, o encontrar de gados por esses atalhos nos pastos, as chuvas que destroem as estradas e se todas as estradas fossem calçadas ou asfaltadas, enfrentaríamos outros problemas, como problemas ambientais.

Para Girassol:

Um das maiores dificuldades que eu enfrentava na época da escola do campo era nos períodos chuvosos pois as estradas tinham péssimas condições e o transporte não chegava até a escola porque a escola ficava numa área fora da estrada principal precisava passar por um pasto e o transporte não tinha como chegar até a porta da escola e no período chuvoso era muito difícil pois a gente enfrentava muita lama da estrada principal até a escola. (Girassol, jovem 21 anos)

Ao serem questionados sobre como as dificuldades a eram enfrentadas, Rosa aponta que:

"Em relação a como essas dificuldades eram tratadas, como eu falei anteriormente sobre essas questões: em relação à distância, à dificuldade de chegar à escola durante toda a minha primeira série ao quarto ano, essas dificuldades não foram sanadas. A gente tinha que fazer esse percurso todos os dias. Não tinha uma ajuda assim da prefeitura em relação ao transporte, a nos levando; hoje já tem, mas no tempo que eu estudava não tinha. Em relação ao lanche, às vezes não tinha. A gente, como grupo, as mães elas davam lanche e a gente dividia." (Rosa, jovem 29 anos)

Rosa aponta a Prefeitura como uma possibilidade de enfrentamento das dificuldades, como uma maneira de melhorar as estradas e trajetos realizados pelos estudantes e professores do campo, ampliando assim a qualidade de vida dos moradores desse lugar.

Para Flor:

Não tinha como tratar essas dificuldades em se tratando do fator "roça", terra...A ladeira não ia deixar de existir nem os gados. Apenas redobrávamos os cuidados nos pastos para evitar ser pegos de surpresa com algum boi ou mesmo vaca parida ou mudar de atalho. E quando a escola fechou, os meus pais decidiram comprar um terreno na cidade, na época \$200 reais, um dinheirão naquele tempo (1999), eu ia completar 9 anos e enquanto a casa não estava pronta, moramos de aluguel e minha mãe nunca saiu da roça, começou a ensinar na roça e se aposentou nesse lugar por amor, por escolha, por decisão e oportunidade. (Flor, jovem 33 anos)

A entrevistada acima afirma que a “roça” não pode ser tão modificada para que todas as dificuldades sejam resolvidas, já que os fatores: chuva, ladeiras e gados fazem parte do contexto do campo, apesar da mesma necessitar de suporte municipal para resolver algumas questões, como políticas de acesso e permanência no campo.

E para Girassol, que aponta a Gestão Pública como responsável pelas melhorias locais,

"Infelizmente, essas dificuldades não tinham uma solução por parte da gestão pública da época e da Secretaria de Educação das escolas do campo. Os pais e os professores reivindicam que fosse feita uma estrada que ligasse a estrada principal até a porta da escola, para que o transporte conseguisse chegar lá. Porém, até a data de hoje, essa solicitação nunca foi atendida. Já mudou de gestões, e essa solicitação nunca foi atendida; os alunos continuam até hoje descendo na estrada principal e andando pelo pasto para chegar até a escola." (Girassol, jovem 21 anos).

As mudanças aqui sinalizadas são possíveis, que é a melhoria das estradas.

O último assunto tratado foi sobre **o que a escola do campo representa** e Rosa aponta:

"A escola do campo representa, para mim, um lugar de iniciação: uma iniciação de novos conhecimentos, iniciação da alfabetização e iniciação do letramento. Todo esse conjunto de aprendizagem que ela me possibilitou. As escolas do campo deveriam ser mais valorizadas, valorizar as culturas dos alunos que nela estudam, e possibilitar novos conhecimentos. Não é só trazer conhecimentos de fora para ali, mas conhecimento dali, de onde está inserido, para fora." (Rosa, jovem 29 anos).

Rosa traz a escola do campo para quem mora nesse lugar como o início de tudo, é onde se aprende muitas coisas e se desenvolve e possibilita ter acesso a outros saberes por meio da ciência.

Para Flor, a escola do campo significa vida e explica:

Vida. Vida, literalmente, é de onde nasceu a vida. Deus, do barro, fez o homem. É impossível não ligar a roça³, a terra com a vida. A cidade é completamente dependente do que se produz, se planta e se colhe.

³ Roça é uma categoria de uso nativo, operando entre os grupos sociais e seus contextos, de forma relativa e relacional (Lima, 1999). Autores fazem referência á esse termo para tratar de lugar, pequenas propriedades (por exemplo, roça de banana), diferenciar da cidade, porém o termo ganha novos significados no contexto da problematização das ruralidades brasileiras.

Eu sinto muita falta de tudo e minha vida se transformou e eu me adaptei à cidade e hoje, necessito desse lugar, mesmo amando a roça. A roça está em mim, o cheiro do mato está em mim, a sensação de pisar na terra molhada de chuva, tomar banho na chuva e nas fontes que pareciam pequenas cachoeiras, a comida gostosa feita em fogão à lenha, se dava fome ia para os pés de jaca, manga, jambo e tantas outras frutas, tudo tão natural e simples, encantador... (Flor, jovem 33 anos)

E para Girassol, que concorda com a importância da escola do campo, descreve:

"Pra mim, a escola do campo representa um ambiente educacional adaptado àquelas realidades das comunidades rurais, pois ela busca proporcionar uma educação que valoriza a cultura local e atenda às demandas específicas daquelas pessoas. Além disso, ajuda também questões da agricultura, que é a principal fonte de renda de quem mora no campo. Eu acho que as escolas do campo precisam ser muito mais valorizadas pelo poder público. Elas não têm essa valorização, não recebem um investimento adequado, e têm muito a contribuir na educação e formação dos indivíduos. No entanto, ainda precisam que a gestão pública invista." (Girassol, jovem 21 anos)

Dentre as muitas falas, conceitos e olhares, há um semelhante entre os entrevistados, que é a importância do campo para a vida das pessoas, para ampliar os conhecimentos, as oportunidades.

4.3. Histórias de Vida de migração: *entre sair e ficar*⁴

Os povos do campo, sujeitos diversos, que ao longo da história da humanidade, tiveram que lutar para inserir-se na sociedade de maneira reconhecida e valorizada e por conta de todo o sofrimento e exclusão, a migração rural, que causada por fenômenos, como a fuga de crises e a busca por melhores condições de vida, principalmente, além da cidade apresentar-se político e economicamente como o lugar da novidade e prosperidade, foi um caminho tomado para realização pessoal e profissional.

Para os estados e cidades anfitriões, receber os povos do campo como refugiados de seus lugares de origem representa uma grande oportunidade de apresentar uma falsa sensação de que a cidade gera vida e vida melhor, mas exclui,

⁴ Termo utilizado nos trabalhos e pesquisas de Elisa Guaraná de Castro

escraviza, já que aqueles que migram do campo para a cidade não possuem um bom grau de escolaridade e muito menos uma profissão, o que provoca o retorno ou a permanência, mas com outros sentimentos.

A cidade foi construída como centro de beleza, lazer, educação e geração de trabalho, apagando as belezas naturais, as fontes de lazer saudáveis, os saberes camponeses e as maneiras de lidar e trabalhar com a terra, apesar de hoje vislumbramos que os Movimentos Sociais têm trazido à existência da vida que é gerada no campo e deste lugar a cidade é mantida e suprida.

Há uma relação de interdependência entre campo e cidade e nesta pesquisa, a partir dos resultados apresentados abaixo, os sujeitos entrevistados apontam o significado de viver e morar no campo, a escola em que estudaram e as dificuldades sinalizadas.

Rosa aponta que morou em São Paulo e na cidade de Laje, cidade localizada no Vale do Jiquiriçá e isso representa um dado significativo, pois ela retorna à comunidade depois desses processos de migrações. E o retorno à comunidade se deu em função de políticas que possibilitaram a permanência da jovem, possibilidades de permanência - um dos temas da entrevista.

De acordo com Oliveira e Jannuzzi (2005, p.136):

Assim, a elevada concentração de jovens entre os migrantes seria explicada pela maior sensibilidade dos mesmos com relação às ofertas de trabalho e de melhores empregos, assim como pela maior adaptabilidade a novas situações e maior desprendimento em deixar seu ambiente de origem.

O segundo questionamento foi sobre o **significado de nascer e viver no campo**. Para Rosa:

O que significa viver e nascer no campo pra mim hoje em dia? Eu já não moro mais no campo, conhecida como zona Rural, mas meus familiares, meus avós, a maioria dos meus tios, meus pais, todos moram na zona rural. Durante todos esses anos que morei na zona rural, adquiri muitos conhecimentos né? com meus pais sobre trabalhar na roça, sobre o plantio, sobre a quantidade de grãos para colocar, como milho e feijão, quantos grãos são para a gente estar plantando né, para depois estar colhendo como na mandioca né. Todas essas plantações eu ajudava meus pais quando morava lá, então foi muito importante né ter convivido, foi muito importante, não é? Muito importante porque a gente adquire muitos conhecimentos e tá mais perto da família também. Que hoje, eu morando na zona urbana, eu fico um pouco mais afastada por questão do trabalho. Em relação a viver no campo, é muito bom, mas tem determinados momentos que as chances do mercado de trabalho são mínimas né. Por esse motivo, a

gente se vê obrigado em tá indo para a zona urbana atrás de oportunidades de trabalho, atrás ter um futuro melhor. Não dizendo que na zona rural, no campo, não tenha, mas a chance de você ter um trabalho melhor que não seja de lavrador, de diarista com diária de oitenta, cem reais, é melhor. Até para estudar em outra cidade, fazer faculdade, morar na roça, no campo, é mais difícil né. Por isso, convivi até um certo tempo no campo e depois, pela necessidade de estudar, de buscar um futuro melhor pra mim, que convivo na zona urbana, na cidade. Já tem acho que, quase dez anos ou mais que moro na cidade." (Rosa, jovem 29 anos)

Observa-se na fala de Rosa que a mesma vai em busca de outras condições de vida e existência, mas os laços deixados no campo também a motivam para o esse olhar conhecer, de valorização e reconhecimento do campo. E o campo tem as suas maravilhas e proporciona bem-estar, além de ser um lugar de origem e representação identitária.

Diante disso Castro (2009) sinaliza que:

A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da "migração do campo para a cidade". Contudo, "ficar" ou "sair" do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2009, p.182).

Nessa perspectiva, para Flor, é interessante como as suas palavras se remetem à emoção e alegria sobre o contexto do campo. Nesse caso, a entrevistada utiliza o termo "roça" e há teorias que discutem os termos: roça, campo e zona rural.

Vejamos o que nos diz Flor:

"Me sinto muito emocionada em dizer das sensações sobre a 'roça', porque foi nesse lugar que me tornei gente e construí as memórias mais felizes, livres e divertidas. O cheiro do mato e da terra molhada é como reconstruir tudo aqui dentro; o barulho das chuvas em cada estação, os sons diferentes na natureza, as águas saudáveis. Tudo é lindo na roça! Nasci e morei na roça. Depois, meus pais tiveram que morar na cidade, porque a única escola da comunidade fechou. Anos mais tarde, retorno para a roça casada e com 1 filho; tenho meu segundo filho e retorno para a cidade por necessidades de trabalho e outras condições pessoais. Agora, organizo-me para retornar em breve." (Flor, jovem 33 anos)

Girassol aponta para o contato com a natureza e isso expõe outras motivações para nascer e viver no campo, como um lugar em que se manifesta uma vida muito saudável, prazerosa, apesar das grandes dificuldades.

"Nascer e viver no campo, para mim, é estar mais próximo da natureza e ter uma tranquilidade, vivendo em um estilo de vida mais calmo, diferente da cidade, que é sempre uma correria. Mas tem seus pontos negativos de viver no campo, principalmente em questão das estradas, que às vezes estão em péssimas condições, e de que quem mora no campo geralmente não é assistido pela administração pública." (Girassol, jovem 21 anos)

Nas falas dos entrevistados, a sensação de morar no campo se remete a muitas coisas e sensações boas, de tranquilidade, contato com o ambiente natural e justamente a saída desse lugar é sempre por um motivo maior que o próprio lugar em si.

O penúltimo assunto a ser tratado com os entrevistados foi **sobre estudar na escola da cidade e como se deu essa mudança**. Rosa disse que:

"Eu estudei na escola da cidade quando passei para a minha quinta série, né? Aí foi uma expectativa que todo mundo que estuda na zona rural tem: aquelas expectativas de vir para a cidade, né? Que vai ser uma escola diferente, uma realidade diferente. E tem aqueles comentários que os professores sempre falavam na sala de aula: 'Agora não vai ser mais um professor, vai ser cinco professores', é cinco ou eu não me recordo, que é mais de cinco, vai sair um e entrar outro, é diferente. Então a gente cria aquela expectativa, né? Antes de começar, depois a gente vê a realidade e vai se adaptando àquele novo espaço, que é um espaço muito bom, mas também, no primeiro momento, nos primeiros dias, são muito desafiadores, né? Para a gente que estudou a vida toda na zona rural e ir para a cidade, mas também é bom e melhor ainda quando a gente tem uma companhia, uma amiga que estudou comigo na minha primeira, segunda, terceira e quarta série e foi para a cidade comigo, né? Eu creio que isso me ajudou bastante. Eu era muito, não, ainda sou muito tímida, então ter uma companhia lá comigo foi muito importante nesse processo, né? Fiz outras amizades, criei outros laços, mas acredito que ter uma pessoa comigo me ajudou bastante. E a escola também, que é maior, a quadra que na zona rural não tem, tudo isso foi muito bom, né, pra gente assim. Tinha o fardamento, né, que tinha que vir com a blusa, calça e sandália fechada ou sapato, né? Então essa mudança, além de ser boa, antes de começar foi muita expectativa, muitos medos, né? Que era uma realidade totalmente diferente da que a gente estava inserida antes. Eu saí daquela bolha, que era uma escola multisseriada, só duas salas pequenas, e vim para Julival Rebouças, que tem várias salas, vários professores, né? A gente vê um mundo maior, nossos olhos se abrem para mais coisas, mais aprendizagem, pessoas diferentes, novas matérias, né, novos professores. Que antes

eram cinco matérias, né, passam a ser uma quantidade maior. Acordar cedo também, que a gente acordava cinco horas da manhã para estar no ponto às seis e quinze, para seis, para pegar o ônibus."(Rosa, jovem 29 anos)

Para Flor e Rosa, estudar na escola da cidade representou uma mudança de rotina, de vida, junto às expectativas e o novo em tudo. Veja o que Flor nos diz:

Terrível a experiência, à princípio. Tudo era diferente, as minhas roupas de cristã, eu era bastante tímida, sala com alunos brancos e "riquinhos", eu não levava lanche todo dia, mas eles levavam, isso me deixava mal; eu não confiava na escola, era a turma da antiga 4ª série. A pró maravilhosa e eu amo, mas a escola não estava preparada para me receber, fui incluída, mas excluída. Eu chorava na sala, muito mesmo, quando não acertava o conteúdo e haviam vezes de a pró não compreender, mesmo sendo legal. Eu me sentia estranha, à toa, me olhava e olhava os outros. Tinha uma pró que dava aula em frente à minha sala e ela agredia as crianças de alguma forma, era terrível e não me pergunte como isso acontecia, acho que era abuso de autoridade (isso é agressão também), todos falavam, eu ficava com medo. E eu via como ela era brava e ignorante, mal de aparência, nem gosto de lembrar, me causava terror. Imagine aí que experiência! Terrível! A casa alugada era estranha, era de um policial que morava do lado, se não me engano. Isso no Ensino Fundamental I. No Ensino Fundamental II foi desastroso também, porque eu ainda brincava como criança deve brincar. Lembro-me que eu era muito elogiada por ser uma boa aluna, numa escola grande, no centro da cidade, em que eu não tinha exemplos tão bons a seguir em se tratando de colegas e escola em si. Enquanto eu brincava de capitão, com as pedrinhas num espaço de cimento na escola, colegas falavam de namoro, menstruação e eu nem conhecia absorvente, não conhecia nada do mundo sexual, era uma criança raíz, amava brincar e aproveitei muito. Mas me sentia estranha, pois mesmo me percebendo realmente estranha hoje, num mundo onde tudo pode porque cada um faz o que quer sem pudor, naquela época, eu me sentia excluída e bobona. Afinal, vejo poucos que construíram uma vida bacana diante do contexto vivido. Meus pais foram muito protetores e me ensinaram coisas boas. E que bom que fui a bobona! Tenho orgulho de mim, do que me tornei como mulher, oriunda da roça, filha de professora da roça, neta e bisneta de professores, dos quais geraram uma educadora que ama com muita alegria. (Flor, jovem 33 anos)

Os entrevistados sinalizam sobre a necessidade do estudante do campo ir para a cidade a partir da antiga 5ª série, hoje 5º ano, pois o campo oferece escolarização da Educação infantil até o 5º ano, além de muitas escolas terem fechado as suas

portas ao longo dos anos por falta de demanda de estudantes e justamente essa migração provoca isso.

Segundo Castro (2009, p.205):

A “cobrança” da permanência e continuidade dos “jovens” no campo como valorização e possível reversão do quadro de esvaziamento do meio rural – recorrente em algumas pesquisas recentes sobre o tema e no âmbito das políticas públicas – deve problematizar esse olhar que percebe no jovem o ator heróico da transformação social. A mudança dessa realidade e da situação de desigualdade social que atinge “jovens” e “velhos” demandam ações coletivas e políticas públicas de longo alcance que gerem transformações mais profundas na realidade brasileira.

As circunstâncias sociais e culturais, como o fechamento de escolas no campo, a necessidade de buscar outras fontes de trabalho, por exemplo, contribuem para que os jovens saiam do campo, mas atribuir aos mesmos a responsabilidade de retorno não garante que os problemas sejam resolvidos.

Desta forma, a partir da fala de Girassol:

"Sim, a partir da quinta série, eu passei a estudar na escola da cidade, pois a escola do campo só pegava até a quarta série. Foi uma enorme mudança, pois passei a viver uma realidade totalmente diferente, a conviver com muito mais pessoas do que na escola do campo. Também passei a vivenciar uma turma para cada série, pois na zona rural era turma multisseriada. Os professores na escola do campo eram os mesmos para todas as disciplinas; já na cidade, passou a ser diferente, com cada professor para uma disciplina. Essa adaptação no início foi um pouco difícil, mas ao passar dos dias, passei a me acostumar." (Girassol, jovem 21 anos)

Perceba que os entrevistados apontam a necessidade de estudar na cidade e não vontade. A dinâmica do campo é muito cruel na vida dos estudantes, pois as políticas públicas não dão conta de investir na escolarização dos camponeses e ampliar o oferecimento de todas as etapas e modalidades e incentivar as famílias a permanecerem no campo.

Importante sinalizar que “podemos afirmar que jovem, como categoria, carrega o “peso” da transitoriedade e, portanto, é tratado como categoria social sobre a qual se deve atuar e não percebida através das formas em que se configura como ator social” (CASTRO, 2009, p.205).

Nesta pesquisa, o protagonismo dos jovens camponeses é valorizado, considerando que não basta tratar o jovem do campo como o sujeito que transita entre

campo e cidade, mas sendo autor de sua história, poder problematizar políticas públicas de qualidade e de permanência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é um motivador para o meu próprio conhecimento pessoal, a qual me faz compreender quão desafiador é a realidade das escolas do campo e como essas escolas impactam na vida das pessoas, através de metodologias que podem ser emancipadoras ou também excludentes.

Vislumbrou-se a necessidade de problematizar investigar como a escola influenciou nas trajetórias de vida dos jovens na comunidade escolhida e isso foi perceptível nas falas dos entrevistados, os quais trouxeram histórias e fatos que demonstram as influências, os marcadores da escola do campo no contexto de alguns anos atrás.

Uma escola marcada pelo descaso, mas por proporcionar alegrias e a própria comunidade e parentesco aparece nas falas como uma condição que promove a diversão, confiança e segurança.

A escola do campo pertence às pessoas da comunidade e a escola tem o objetivo de transformar a vida das pessoas e os resultados apontam para a melhoria nas políticas públicas educacionais para que seja garantido a aprendizagem e permanência no campo, porém, sem atribuição dessa responsabilidade aos jovens.

Somado os esforços entre as teorias e as memórias de cada entrevistado, esta pesquisa dialoga com uma educação que emancipa, que é democrática, participativa e que os sujeitos do campo têm o direito em ter escola em seu lugar de origem e que esta seja um instrumento de luta e provocar melhorias na estrutura educacional.

Não se finda, contudo, os achados, mas problematiza discussões futuras, em que a pesquisa pode ampliar-se os seus horizontes e alcançar outras comunidades e oportunizar que a educação de Mutuípe repense o seu papel não somente escolar, mas social.

A imagem abaixo mostra a atual foto da minha escola no campo e a sensação é que os estudos e pesquisas ressignificam as memórias, trazendo a existência às histórias contadas a partir dos sofrimentos que são poetizados em cada lágrima, dor e lamento, partida e retorno e as fotos revelam os detalhes dos fatos tecidos, tudo em prol de um olhar crítico e reflexivo da escola do campo, está como lugar de vida, começo e recomeços.



Fonte: Acervo da pesquisadora

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Jackeline Amantino de; VALADÃO, José de Arimatéia Dias. Análise da instrumentação da ação pública a partir da teoria do ator-rede: tecnologia social e a educação no campo em Rondônia. **Revista de Administração Pública**, v. 51, p. 407-430, 2017.

ARAÚJO, Claudiana Rafaela de Lima; AGUIAR, Eliene da Silva. **Educação na zona rural: dificuldades no processo de ensino e aprendizagem**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil.

ARROYO, Miguel. A infância deixada na estrada: buscá-la onde ela ficou. In: **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 335-341, out., 2015.

BARBOSA, Lia Pinheiro; ROSSET, Peter Michael. Movimentos sociais e educação do campo na América Latina: Aprendizagens de um percurso histórico. **Práxis Educacional**, v. 13, n. 26, 2017.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB n.1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 abr. 2002.

BOSI, Alfredo (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do campo. In: **Dicionário de educação do campo**. p. 437-445, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. In: **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud**, Vol. 7 no. 1 ene-jun 2009.

CHAVES, Gabriela M.; CORREIO, Diovana SS. Currículo e Projeto Político Pedagógico (PPP): estudo de caso sobre a inclusão de alunos do campo. **Somma: Revista Científica do Instituto Federal do Piauí**, v. 2, n. 2, p. 19-34, 2016.

DA SILVA, Giselda Mesch Ferreira; GRITTI, Silvana Maria. Educação do Campo: cenários e contextos. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 8, n. 1, p. 101-115, 2021.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO)**. 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. Análises De Experiências Brasileiras E Latino-Americanas De Educação Do Campo. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 539-544, 2017.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, São Paul: UNICAMP, 1990.

Lima, D. M. (1999). A Construção Histórica do Termo Caboclo: Sobre Estruturas Representações Sociais no Meio Rural Amazônico. In: **Novos Cadernos NEAE**, 2 (2), 5-32.

LOCKS, Geraldo Augusto; GRAUPE, Mareli Eliane; PEREIRA, Jisilaine Antunes. Educação do campo e direitos humanos: uma conquista, muitos desafios. **Revista Conjectura: filosofia e educação**, v. 20, p. 131-154, 2015.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Latifúndio. In: **Dicionário de educação do campo**. p. 445-452, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. A educação do campo e o enfrentamento das tendências das atuais políticas públicas. **Educação em Perspectiva**, v. 6, n. 2, 2015.

MOLINA, Mônica Castagna; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida. A produção do conhecimento na licenciatura em Educação do Campo: desafios e possibilidades para o fortalecimento da educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. e240051, 2019.

NOZU, Washington Cesar Shoití; RIBEIRO, Eduardo Adão; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. Interface entre Educação Especial e Educação do Campo: a produção científica em teses e dissertações. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 9, n. 27, p. 317-349, 2018.

PINHO, Ângela da Silva. **Educação do campo e juventude camponesa: uma proposta de estudo na Unidade Escolar Roseli Nunes – Lagoa Grande do Maranhão/MA**. 2017.

SANTOS, Marilene. Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 26, p. 185-212, 2018.

SANTOS, Ramofly Bicalho. História da educação do campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, p. 210-224, 2017.

SILVA, S. P. Considerações analíticas e operacionais sobre a abordagem territorial em políticas públicas. In: **BOUERI, R.; COSTA, M. A. (Ed.). Brasil em desenvolvimento 2013: estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília, DF: Ipea, 2013. cap. 3, p. 89-116. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_brasil_desenvolvimento2013_vol01.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2014.

SILVA, Luana Patrícia Costa et al. **Juventudes camponesas: resistências, educação popular e agroecologia**. Vol 1. João Pessoa, 2021.

Silva, Luana Patrícia Costa; ARAÚJO, Albertina Maria Ribeiro Brito de E ARAÚJO, Alexandre Eduardo de organização da escola “no campo”: uma experiência no contexto atual. In: **Revista Verde** (Mossoró –RN-BRASIL), v. 8, n. 2, p. 31-35, abr/junde 2013.

SILVEIRA, Éder da Silva. História oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. In: **MÉTIS, história & cultura**, vol. 6, nº12, p.35-44, 2007.

STEDILE, João Pedro. Questão Agrária. In: **Dicionário de agroecologia e educação**. p.627-633, 2021.

ANEXO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP)**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação Pessoal

Nome:

Idade:

Profissão:
Residência:
Naturalidade:
Formação:

- 1) O que significa educação para você? (O que a pessoa considera educação, casa, escola, catequese)
- 2) O que significa nascer e viver no campo para você?
- 3) Relate um pouco sobre a escola do campo em que estudou:
- 4) Quais as dificuldades enfrentadas por você? (tinha lanche, o ensino era legal, a professora)
- 5) E como essas dificuldades eram tratadas?
- 6) Relate um pouco sobre a escola que você estudou: (professores, espaço, ida para escola, brincadeiras)
- 7) E a sua infância no campo, como era?
- 8) A escola tratava de aspectos relacionados a sua vida no campo? Como?
- 9) A escola influenciou em quem você é hoje? Como?
- 10) Como eram as aulas? Quais recursos os professores utilizavam?
- 11) Você estudou na escola da cidade? Como foi essa mudança?
- 12) O que a Escola do Campo representa pra você?